

BASILIO DE MAGALHÃES



IRIS

VERSOS



1890 - 1894



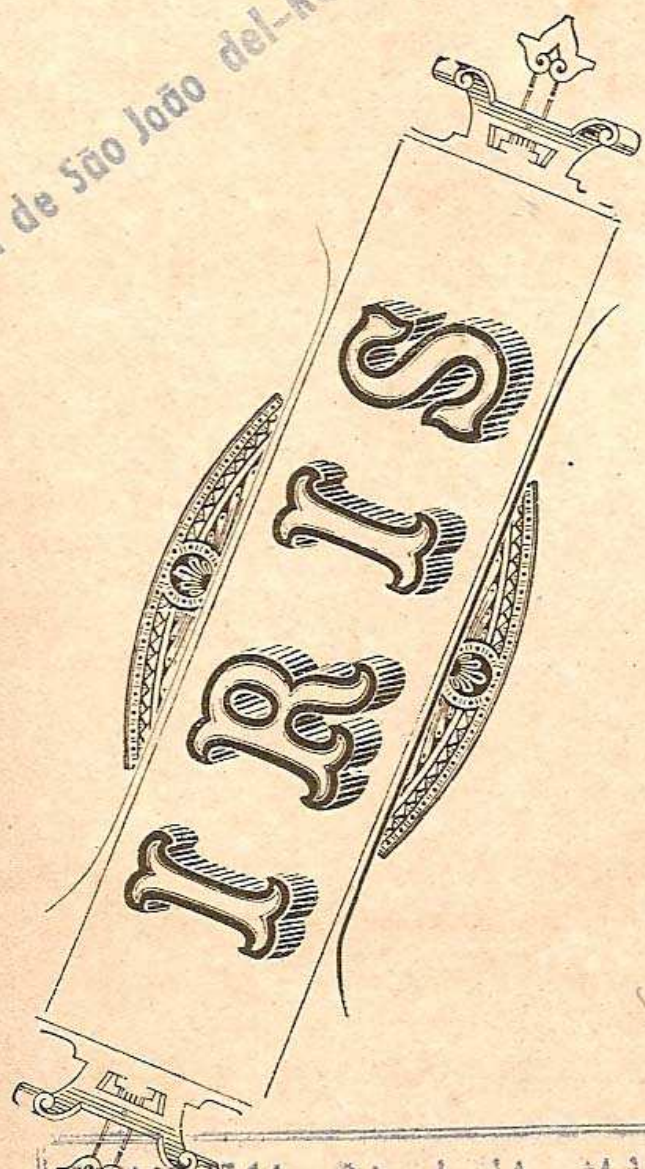
S. PAULO

TYPO-LITHOGRAPHIA RIBEIRO

→ 1899 ←

869.0081) M 18
M 1882

Biblioteca de São João del-Rei



452

BIBLIOTECA DA LOJA MAÇONICA	
GRANDE ORIENTE DO BRASIL	
Cidade de São João del-Rei - Minas Gerais	
452	11/11/1913

Outras obras do mesmo autor

--

JÁ PUBLICADAS :

- 1895.— *Lições de Historia do Brasil* (obra approvada pelo conselho superior de instrucção pública do Estado de S. Paulo)
- 1896.— *O supplicio de Caneca ou a revolução de Pernambuco em 1824* (these de concurso)
- 1898.— *Lições de Geographia Geral* (obra approvada pelo governo do Estado de S. Paulo)

A PUBLICAR BREVEMENTE :

- 2ª edição das *Lições de Historia do Brasil* (refundição completa)
- Os Lusíadas* (edição sob um plano original, destinada principalmente ao ensino primario)

A quem me ler

Este livro não veria nunca a luz da publicidade, si reiteradas instancias de amigos não fizessem saír do olvido, a que eu merecidamente as condemnara, as poesias que comecei a «perpetrar» desde 1890.

Quizeram elles uma lembrança minha: — pois aqui a têm, e que lhes preste.

É, portanto, aos bons e inesqueciveis companheiros de minha juventude, bem como aos excellentes e dignos confrades da imprensa mineira e da paulista, em cujo meio tive a honra de fazer largo tirocinio, — que offereço estes versos, especialmente consagrados a Aquella a quem mais directamente os devo.

Limitei-me a enfeixar aqui algumas das producções poéticas que elaborei dos dezeseis aos vinte annos, a mór parte das quaes no período noival, que precedeu o fim de minha terceira idade. Muitas outras escrevi eu que jazem sepultas em collecções de folhas sertanejas, ou, por não condizerem com a actual situação minha, de esposo e de pae, tiveram de ser eliminadas deste livro, conjuntamente com várias poesias, satíricas, políticas ou pessoaes, que formariam, talvez, um volume ainda maiór do que êste.

Reservo para outro livro, especialmente dedicado a minha esposa e a minha filha, os poemas que devo a sua affectiva inspiração, em a nova phase que se me abriu de 1895 para cá.

Pois os versos que ora entrego á letra de fôrma, não passam, realmente, de IRIS, na essencia e no destino : que mui variegados são elles e se sumirão, certo, celeremente, nos abysmos de justo oblvio, reaparecendo tão somente quando o sol da bondade dos amigos, sob cuja égide eu os colloco, sôbre elles reflectir seus raios vivificadores.

E, embora a idade em que escrevi estas poesias me não desculpe dos muitos sinões que nellas se encontrarão, não desconvêm advertir, desde ja, a quem as ler, — que não as corriji tanto quanto o permittia o pouco que me foi dado aprender dos vinte annos até hoje.

BASILIO DE MAGALHÃES.

S. Paulo, 1º de Janeiro de 1899.

A' minha noiva,

Quella che'mparadisa la mia mente,
Dante,

Ogni basso pensier dal cor m'avulse
Petrarca.

«Donna, se' tanto grande e tanto vali
Che qual vuol grazia e a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.»
Dante.

A ti, a mais formosa das formosas,
Estes singellos cantos te offereço,
Pois eu os devo a tuas affectuosas
Inspirações, que sós lhes dão aprêço.

Estas simples endeixas amorosas,
Prova de que de ti nunca me esqueço,
De tuas mãos fidalgas, cariciosas,
Eu ao calor vivificante aqueço.

Ha nestes versos mais amor do que arte,
Porquê, si os fiz, foi só para agradar-te,
Foi para, lendo-os, muita vez sorrises.

Sonha nelles uma alma de criança,
Desdequê tu, minha única esperança,
No céu de nosso amor traçaste um IRIS.

A benção

(À MINHA MÃE)

« Ah, quem póde esquecer a benção maternal? »

Gonçalves Crespo.

Deixei meu lar, deixei meu pobre e humilde lar
E me arrojé á senda, á que ao futuro leva,
Tendo apenas, a guiar-me entre a lóbrega treva,
Tua benção, unvida em amoroso luar.

De que preciso mais, si ella é tudo e si basta
Para levar-me além, ao lúcido porvir?
Vem, em sonho, animar-me e alegrar-me, a sorrir,
Si ás vezes desespéro, a tua imagem casta,

Para rememorar-me a dulcíssima unção,
A piedosa benção, amantíssima e pura,
Que me acode na dor, na horrenda desventura,
E que me emparaisa a mente e o coração.

Felizes os que têm risonhas esperanças!
Felizes os que têm a benção de seus paes!
Si a tendes vós, então não vos demoreis mais:
— Ao porvir, ao porvir, ó tímidas crianças!

A benção maternal, eis o que me conduz
Na trilha que vai ter a fúlgido futuro.
O caminho é espinhoso e amargamente escuro,
Mas guia-me um pharol de dulçorosa luz !

Ame a corôa laurea o cientista, adore-a
O que vive lutando em pelejas cruéis :
Tua benção, ó Mãe, por únicos lauréis,
Eis tudo a que eu aspiro, eis toda a minha gloria.

Posso as ondas da vida intrépido sulcar,
Pois tenho um talismã, esplêndido thesouro,
Que vale muito mais que o vil, escuro louro,
— Tua benção, unvida em amoroso luar.



Infierno y cielo

«Ella bajó la vista por no verme...
Ella torna la faz cuando la veo...»

Alarcon.

Con mi amor te doy tantos enojos,
que tú tornas la faz cuando te veo.
Bajas la vista por no verme, creo
que es porqué yo te causo sólo antojos.

Yo, que quiziera rosas, tengo abrojos
en castigo de mi loco deseo...
¡Perdóname, bien mio! Yo soy el reo,
más, si soy reo, son reos también tus ojos.

Confesemos las culpas ante Dios...
Queste suplicio de Él vendrá á los dos
(¡que suplicio dichoso! ¡dulce anhelo!):

—Yo, á dar en tu faz un beso tierno,
y tú, si no quizieres el infierno,
¡de tu mirada me darás el cielo!

Sardanapalo

Foi ao cantar do gallo
Que retroaram, triumphaes, altísonos clarins.
Das amantes em meio, o rei Sardanapalo
Dormia, a descansar da orgia dos festins.

O Euphrates transbordara.
Bruida o povo: — «A cidade é ja prêia do saque!
Ao ataque! ao ataque!
Eia, ou vencer ou dar a vida muito cara!»

E o rei, sonhando ouvir doces canções de amor,
Trêmulo, delirante,
Beija os labios sensuaes, febris, de sua amante,
Abertos qual botão desabrochando em flor.

Entram o regio paço, em grita, os cortezãos,
E súplices as mãos
Erguendo a seu senhor, lhe contam que a muralha
Tombara, e que vencida era a grande batalha.

O inimigo talara os babilonios campos,
Chefiado pelo deus satânico, por Hel,

Qual si passara o oceano, a nitrir, em tropél,
Cavando os vagalhões, um bando de hippocampos.

A púrpura do leito
Scindindo, soergue o rei aquelle corpo langue,
E, no adoidado aspeito,
Parece-lhe surgir de um pântano de sangue.

— «Por Beltis eu te juro, ó Merodach-Baal,
Acceso em ira, exclama,
Que, depois de accender tua sagrada chamma,
A ti me entregarei, submisso, a vez final!

Árbaces, Baladã,
Podeis espedaçar esse vil povo lasso!
Um só de vós, porém, que ouse entrar em meu paço,
Verá que inutil guerra e que victoria vã!

Soldados! officiaes!
Trazei-me a esposa de cabellos louros!
Trazei os mantos reaes!
Ja, ja, os meus thesouros!

E vós, servos, erguei
Uma fogueira enorme, uma enorme fornalha,
Porquê vai dar sua última batalha
Sardanapálo, o grande e poderoso rei!»

—

E, semelhante a negro, errante pesadelo,
Caladamente o rei nos tristes paços vaga.
Em seu craneo a escaldar, num túrbido atropello,
Ha dores mais cruéis, mais fundas que uma chaga,
Mais terrores cruéis que fios de cabelo.

Preso á gigantea mão tetérrima do mal,
Absorto, elle contempla os terraços immensos,
O templo secular do vingativo Baal
E o Euphrates a correr sob os jardins suspensos,
Onde antes doidejava a flor da bacchanal.

Columnas de alabastro abóbadas levantam
E levantam ao ar opaleos baldaquins.
Alli não mais agora as concubinas cantam
Nas orgias sensuaes que os corpos nus quebrantam,
No infrene ebrifestar flammante dos festins.

Quanto beijo de amor, quanto suspiro terno
No púrpuro docél não ficarão sepultos!
Não existira alli, jamais, frígido inverno...
Pois onde mais calor nos ósculos occultos?

—

E o pobre rei, sentindo as torturas do inferno,
Em lágrimas prorompe e prorompe em singultos...

Desesperado, chama as pálidas amantes,
Que seminúas vêem, soluçando, de rastro,
Medrosas, arquejantes,
Mais brancas que as columnas de alabastro.

Sôbre as achas em cruz, a crepitar accesas,
As mulheres colloca e colloca os amigos,
E, depois de insultar, num gesto, os inimigos,
O rei se arroja ao fogo...

— Abraçado ás riquezas
E abraçado ás amantes,
Das chammaes ao estalo
E ao estalar do beijo em seios palpitantes,
— Eis como pereceu o rei Sardanapálo!



A gruta

A' beira-mar, cercada de alva arêia,
E com a bocca entre os penedos hiante,
De estalactites mil a gruta, chêia,
Se assemelha a um palacio de diamante.

Dizem que a habita uma gentil serêia
E, em tórno della, quérulo, arquejante,
O mar, domado alfim, freme e collêia,
E, a beija-la, entra e sai no mesmo instante.

Ai do inexperto que a penetra ousado!
Para sempre alli fica naufragado,
Do sireneo palacio no profundo!

Do mar da vida na ruidosa luta
Tambem ha de serêias uma gruta,
Onde naufragam corações — o mundo!

A' estrella vespertina(A. DE MUSSET)

Pálido astro da tarde, ó mensageiro amado,
Cujó semblante sai, em luz, dos véus do poente,
De teu palacio azul, no regaço silente
Do céu, que enxergas no vallado?

A tormenta se acalma, e os ventos são calmados.
A floresta, a fremir, sobre os baledos chora,
E a phalena dourada, eis vai, espaço em fóra,
Pelos vergéis embalsamados.

Que procuras na terra adormecida?
Mas vejo que já estás descambando no monte...
Tu nos foges, sorrindo, amiga entristecida,
E vélas teu olhar, baixando a clara fronte.
Lágrima argentea, que, desprendida do manto
Mesto e negro da noite, as vírides encostas
Contemplas, e o zagal que ao longe marcha, enquanto
O segue seu rebanho, a passo, á beira-costas :
Estrella, aonde te vais por essa noite enorme?
Procuras, sôbre a praia, um leito nos algares?

Ou tu, formosa, vais, na hora em que tudo dorme,
Qual pérola, cair na profundez dos mares?

Si tu deves morrer, bello astro, e tua fronte
Vais mergulhar no oceano, e esse alourado véu,
Antes de nos deixar, detêm-te ahí no monte:
— Linda estrella do Amor, oh não desças do céu!



Phrynéia

Deixa Phrynéia a Eurípides sua alva
Túnica romper, patenteando, em estos,
A carne quente, olorizada á malva.
Viram-se, então, duros semblantes mestos

Tornar-se, presto, alacres. Pasmos, lestos,
Os barbilongos juizes, fronte calva,
A absolvem. Os olhos, cheios de incestos,
Dizem a todos que Phrynéia é salva,

Ella, no emtanto, commettera o crime!
Mas as consciencias a belleza opprime
E opprime á deusa cega o cego juiz.

Vale mais que o dever e mais do que ouro,
Vale mais que os thesouros o thesouro
Das feiticeiras fórmis feminis!

Amor omnipotente

Desamparado, errante peregrino,
Deixei o patrio lar, deixei a mãe querida,
E saí a cumprir meu mísero destino
Na luta pela vida.

Alancearam-me os cardos dos caminhos...
E ninguém se condoeu de minha atroz desgraça.
Apenas me cravava o rir da população
Espinhos sôbre espinhos.

E vi, no entanto, nevroseas boccas
Preces erguendo ao céu, de mysticos desejos.
Emquanto eu blasphemava, ellas, sôbre outras, loucas,
Cavatinavam beijos...

Vi mil palacios num ruidar de festa,
Em que a luz irizava a volupia das carnes:
Sua ebriez atirava á minha alma, ja mesta,
Um diluvio de escarnes.

Horrendamente negra a minha sorte!
Por toda a parte o amor para a eclosão da vida,

E eu somente soffrendo uma dor insoffrida:
A de viver na morte!

—

Qual sôbre o chaos tetérriimo e profundo,
Onde a vida era, então, incógnita e latente,
Jorrou a immensa luz que produziu o mundo
A' voz do omnipotente;

Assim á tua voz meiga e canora,
Surgiu a luz do amor na treva de meu peito,
E o maguante pesar, ao refulgir da aurora,
Foi, súbito, desfeito.

Foram-se todas as cruciantes dores
E amolgaram-se, emfim, os cardos dos caminhos:
Ao encanto de teu doce olhar, os espinhos
Se mudaram em flôres.

Pois só um coração risonho e puro,
Qual o teu, poderia, ó Vida, dar-me vida,
Arrancar-me do inferno horrendíssimo, escuro,
E dar-me a luz querida.

--

O' nobre coração, eu te bemdigo!
O' luz de seu olhar castíssimo e celeste,
Tulsa por sôbre o meu, vive sempre commigo,
Olhar que a luz me déste!

Póde o mundo fazer-se em mil pedaços
E lançar-se, adoidado, em bárathro profundo...
Mas, enquanto existir um pedaço de mundo
No infindo dos espaços,

Nelle hemos de viver, ó minha flor,
Tu, nos meus braços; e eu, nos lindos braços teus...
Pois nada póde mais que nosso ingente amor!
Nem mesmo o proprio Deus!



Só

« Væ soli... »

Da biblia christã.

Misérriimo que sou! Completamente só!
E tenho um coração, um coração maldito,
Cheio de magua e fel, corroido pelo pó
Da senectude vil! E eu nem vinte annos fito!

Coração que ama, doido, e soffre como Job,
Genuflexo no peito, as orações do rito
Rezando, as orações do amor. E ella, sem dó,
A cruel me espedaça o coração precito!

Quando os outros têm luz, a tetérrima treva
Envolve o meu. O' sol dos olhos della, espanca
A ténebra que em mim dores infandas ceva!

Ou, si não, vem, Mulher, e o desgraçado arranca:
—Vel-o-ás morrer beijando a mão que á morte o leva,
Mão assassina, mão divinamente branca!

Super nivem

(ALARCON)

Com ciumes de sua alvura
E imaginando eclipsa-la,
Caíu um flocco de neve
De tua palma no côncavo.

Conheceu, porém, ja tarde,
Que essa mão era mais branca,
E, de vergonha ou de inveja,
Expirou, desfeito em lágrimas.



A serra do Lenheiro

(A S. JOÃO DEL REY)

« Rocks of my country! let the cloud your
crested heigths array,
And rise ye, like a fortress proud... »

Felicia Hemans.

Leão verde-escuro, ingente, a fazer sentinella
A' cidade, em que ha só de labor nobre guerra,
A' direita repousa, a harta juba por terra,
- Nódoa negra tingindo a diáphana, azul tela,

A serra do Lenheiro, alcantilada serra.
Aqui, árida pedra. Além, luxuosa e bella,
Vegetação espessa. Ao longe, a cauda anela
O leão, e no alvo riacho em que se banha, a enterra.

Por sôbre o corpo tem, crina eriçada, mátas;
E estende para o lado as quatro grandes patas,
Os valles abraçando e abraçando as collinas.

Elle de certo arqueou, outróra, o enorme dorso,
Mais se alongou e veiu, em amoroso esfôço,
Manso, beijar os pés á PRINCEZA DE MINAS.

Intimo

Branca eu deixara a página da vida,
Eternamente branca eu a deixara,
Negros somente os longos traços, para
Assignalarem toda a dor soffrida;

Qual árvore, do vento combalida,
Que as flôres pelos galhos nus trocara;
Um sonho illuso nella não se achara,
Nem uma só recordação querida;

Acontecera assim, minha senhõra,
Si, do primeiro amor, por vós não fôra
Ateada a flamma que meu ser consome.

E em branco a página e ninguem a lera,
Si nella o pranto meu não escrevera
As syllabas de vosso doce nome...

No horto

(DE UM CONTO DE COELHO NETTO)

Erguidas para o céu as alvas mãos piedosas
E erguidos para o céu os olhos de ternura,
O pálido Jesus, em lágrimas copiosas,
Rezava, o coração repleto de amargura.

Véspera do supplicio. Em éxtase, sua alma
Ascendia á região do empireo luminoso,
Para implorar, talvez, abnegação e calma
A seu pae celestial e todo-poderoso.

Era isto no jardim das Oliveiras, onde
A briza, a farfalhar nas frondes do arvoredos,
Parecia scherzar, por entre a escura fronde,
Um cantico de amor, mysticamente ledos.

Ao longe, á luz do luar, as donzellas morenas,
Presas as jambeas mãos nas mãos dos namorados,
Dansavam, a cantar mil doces cantilenas,
Ao som de beijos mil, sonoramente dados.

E a briza mansa trouxe ao pálido Messias
Os murmúrios de amor, o estrépito dos beijos:
Trouxe-lhe um trino alegre ás mestas agonias,
Trouxe-lhe ao coração turbilhões de desejos.

E elle, então, se lembrou da rosa de Magdala,
Do macio dulçor de seu beijo primeiro:
Tinha favos na bocca e músicas na fala
A mulher que lhe deu, num beijo, o goso inteiro.

Dos áloes, dos myrtaes, dos perfumeos narcisos
Exhalava-se o olor de ebríficas essencias.
Vinham, pelo ar, de além, as vibrações dos risos,
E de olhares de amor vinham phosphorescencias.

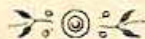
Mas, de repente, o luar,—ladrão ou namorado
Que se esconde, medroso, ao mais ligeiro ruido,—
Com o rosto por trás dos cúmulus velado,
Deixou tudo ao redor em trevas envolvido.

E foi na occasião em que o lânguido Christo,
A sorrir, a tremer, com o peito em arquejo,
Pensava em Magdalena e nos seus beijos... Nisto,
Sentiu em sua face o roçagar de um beijo.

Num frémito de amor, o louro nazareno
Estendeu para os lados os cariciosos braços..

Dos descantes ainda além se ouvia o threno...
Effluvios de poesia erravam nos espaços...

Em voz baixa e arrullhante, elle chamou: — « Maria ! »
Nisto, a lua irrompeu das nuvens, num pinote,
E o nazareno viu, ante sí, a sombria
Figura infame e vil de Judas Iskariote!



¡ Decide !

El puñal de tus ojos una herida
hizo en mi corazón. No te oculté
la sangre que él vertió. Tenía fé
que, al cabo, de él serias consolida ;

que tú, hada del cielo descendida,
en él calcando tu hechicero pié,
en vez de asesinarlo, ¡ay, bien lo sé!
le darías la más dichosa vida...

¡ Hélo á tus piés, rogándote por mí !
Tuyo es tan sólo y pertenece á tí
decidir de su buena ó mala suerte.

Si él tiene de sufrir, oh diosa, oh flor,
tu negra ingratitud por su amor,
¡ la vida no le des, dále la muerte !

A «buena-dicha»

Tomando minha mão, a pállida cigana
Disse com voz sombria:—«O' moço, eu te lamento!
O aculeo açacalado e mau do soffrimento
Te martyrizará numa paixão insana!

Mas si os labios de tua amada, um só momento
Pousarem sôbre os teus, a sorte, que te engana,
Se mudará então, de tresa e deshumana,
Na ventura melhór que sonha o pensamento!»

...E um dia vos olhei. De então até agora,
Minha vida tem sido um padecer medonho,
Por noites sem luar e dias sem aurora!

E, para transformar em um éden risonho
Este inferno em que vive a alma que vos adora,
Trebelta em vosso labio o beijo com que sonho!